

Era um farmacêutico de cidade pequena e também um homem sábio e sensível para quem o idealismo constituía um modo de vida

Condensado de THE ATLANTIC MONTHLY

VICE-PRESIDENTE HUBERT H. HUMPHREY

A Herança de Meu Pai

A PRIMEIRA vez que vi meu pai chorar, eu tinha 16 anos e êle 45. Nunca mais me esqueci disso, não só porque me emocionei muito, mas também porque o que aconteceu em seguida foi típico do conceito de vida de meu pai.

Eu voltava da escola secundária para minha casa em Doland, Dakota do Sul, a cidade onde morávamos desde que eu tinha quatro anos de idade. Era a nossa cidade, que amávamos de alma e coração, e a maravilhosa casa onde residíamos era a espécie de lar que tôda criança de sorte tem na vida—um ninho acolhedor para todo o entusiasmo e todo o amor dos anos de formação. Era uma construção grande, quadrada, com paredes de tábuas brancas, uma varanda, belas árvores frondosas no gramado da frente e um pomar de ameixeiras e macieiras nos fundos. Mamãe e papai amavam aquela casa. Quanto aos filhos—Ralph, meu irmão mais velho, Frances e Fern, minhas duas irmãs mais môças, e eu— a casa era aceita sem reservas e parecia tão bela como o céu ou as árvores.

Quando voltei para casa naquele



dia em 1927, mamãe estava debaixo de um choupo na frente da casa, tendo ao lado papai e um desconhecido, e estava chorando. Os dois homens tinham uma aparência solene e era evidente que havia alguma coisa de anormal. Mamãe disse: "Papai tem de vender a casa." Havia contas que era preciso pagar. Meu pai e o homem conversaram durante breve tempo. Em seguida, papai assinou um papel. O homem se retirou e foi então que papai chorou.

Foi êsse talvez o episódio que calou mais fundo nos meus primeiros anos, o momento em que deixei de ser criança e comecei a ter consciência adulta do sofrimento e da tragédia da vida. Tudo isso se acentuou porque, mais ou menos na mesma época, outras pessoas na cidade começaram a sofrer perdas semelhantes do lar e da felicidade. Um vizinho suicidou-se diante da mesma espécie de dificuldade.

Através dos anos, tenho conservado a cena na memória e não apenas a lembrança de meu pai chorando, mas também o fato de que, depois daquela terrível perda, êle não guardou a menor amargura, derrotismo ou necessidade de justificar-se. Até à sua morte, em novembro de 1949, continuou a fazer o que sempre havia feito—mergulhando na vida e nas suas tristezas e alegrias, sem qualquer abstenção, sem proteger-se com suspeitas, reservas ou cautelas emocionais.

Pílulas e Idéias. Papai era um homem alto, de ombros largos, com

mãos grandes e fortes, queixo comprido e a testa alta que os filhos herdaram dêle. Os óculos sem aro davam-lhe às vêzes um ar de professor, mas o que mais chamava a atenção nêle era o seu entusiasmo aparentemente inesgotável. Simplesmente não podia ser passivo em relação a coisa alguma. Gostava de divertir-se, mas para êle divertimento era algo que se relacionava com espírito e tinha um bom objetivo. Era um professor inato, um missionário dotado de senso de humor.

Tinha uma farmácia de cidade pequena e era característica de meu pai sua casa de negócio nunca parecer um lugar frio ou impessoal. Sempre se discutia ali política, assuntos locais e religião, como acontecia à mesa do jantar em nossa casa. Costumavam dizer sôbre papai: "Êle nunca vende uma pílula sem vender também uma idéia."

Homem Integrado. A minha educação política principiou cedo. Quando eu tinha 12 anos, por exemplo, a maioria da população de Doland queria vender a usina elétrica de propriedade da Prefeitura a uma companhia particular. Meu pai, que era vereador nessa época, combateu a idéia com unhas e dentes. Levava-me às sessões noturnas da Câmara Municipal, deixava-me numa cadeira junto de uma janela de canto e ia batalhar horas a fio. Perdeu a luta, mas a sua independência, a sua franqueza, o seu espírito nunca interferiram no mútuo respeito que êle e a cidade se votavam. Era um demo-

crata numa cidade republicana, mas o povo o elegeu prefeito.

Creio que os psiquiatras diriam hoje de meu pai que êle era um homem integrado. A vida para êle não era uma série de compartimentos estanques, um para as emoções pessoais, outro para os negócios, um para a política, outro para a família, outro para a vida social. Tôdas essas coisas para êle faziam parte de um só processo de vida. Costumava dizer: "Meus melhores amigos são meus filhos e, depois, meus livros." Mas era evidente que êle constituía uma parte essencial de tudo o que tocava sua vida.

Era certamente o que ocorria com seus princípios políticos. Teria preferido abandonar os filhos ou sua casa de negócio a abandonar os seus princípios. Quando havia conflito entre êles, como às vêzes sucedia, encontrava um meio de manter relações humanas decentes sem comprometer seus ideais.

Minha mãe, por exemplo, vinha de uma rigorosa família luterana e, ainda por cima, republicana. Ainda me lembro da controvérsia doméstica por causa do seu voto em Warren Harding e Calvin Coolidge para a presidência. Contudo, ela e meu pai eram dedicados um ao outro de uma maneira que não deixava dúvida. Êle nos dizia repetidamente: "Meninos, tratem sua mãe com todo o respeito. Não discutam com ela e nunca falem grosseiramente com ela, porque ela é minha namorada." E acrescentava: "Mas não se esqueçam

de que ela às vêzes não pensa como deve em matéria de política."

Minha mãe e meu pai discordaram também durante muito tempo quanto a religião. Ela ia à igreja com rigorosa assiduidade. Papai havia sofrido na mocidade a influência de Robert Ingersoll, o "Grande Agnóstico". Por fim, aos 40 anos, papai consentiu em ser batizado na Igreja Metodista. Era tal o seu feitio que, logo que entrou para a igreja, procurou apreciá-la até ao fundo. Ensinava na escola dominical e tinha a classe maior e mais entusiástica do condado.

Veneração Pela Pátria. Ao escoar-se a década de 1920, as condições econômicas pioraram, o mesmo acontecendo com o movimento da farmácia. Metade dos bancos de Dacota do Sul fechou as portas e os dois bancos de Doland faliram com poucos meses de intervalo de um para o outro. Mas por mais difíceis que fôsem as coisas para nós, meu pai nunca deixou de atender a um homem que precisasse de remédios para sua família ou para os animais de sua fazenda. Em dado momento, papai simplesmente encerrou as contas de quase 13 000 dólares que os fregueses lhe deviam. Comentou: "Não têm dinheiro e, se nos devem e não podem pagar, deixarão de vir à farmácia."

Mudamo-nos para uma casa menor. Acabamos mudando-nos para outra cidade de Dacota do Sul, Huron, e começamos tudo de novo. Mas papai tinha uma fé inabalável

na sua energia pessoal, no povo e no país. Tinha com relação ao seu país um espírito de admiração, amor e responsabilidade que passou para todos nós da família. Minha mãe nascera na Noruega e meu pai no Oregon, mas era meu pai que falava sobre o país com o respeito e a veneração de um imigrante.

De Sete da Manhã à Meia-Noite. Nada havia de fortuito nos interesses de meu pai. Às vezes, quando encontrava algo que o fascinava, despertava-nos do mais profundo sono e lia-nos o que havia gostado. De quando em quando, dizia: “É bom saber isto aqui, Hubert. Pode um dia ter influência na sua vida”, e lia-me no jornal uma longa reportagem sobre algum acontecimento político em Washington, Londres ou Berlim.

Quando papai, que nunca frequentou a universidade, descobria um setor de arte ou de conhecimento, mergulhava nele como se fosse o primeiro a descobri-lo. Na década de 1920, por exemplo, começou a interessar-se pela música erudita. Fazia uma viagem de carro de 300 quilômetros até Mineápolis para ouvir uma orquestra sinfônica e de repente a farmácia ficava cheia de fonógrafos de corda e pilhas de discos. Levantou-se da cama uma vez no meio da noite para ir de carro a Nova York e chegar a tempo de assistir ao espetáculo de ópera no Metropolitan.

Depois que nos mudamos para Huron, descobriu a poesia. Quando chegou à conclusão de que o rádio

era um grande veículo de publicidade, passou a comprar tempo todas as semanas na principal estação de rádio, mas nunca anunciou mercadorias. Em vez disso, lia poesia pelo ar.

Era um romântico, sem dúvida. Quando os outros brincavam com ele pelo que dizia sobre política mundial, a boa sociedade e a instrução, ele dizia: “Antes da realidade, vem o sonho.” Acreditava—e vivia em função dessa crença—que o homem é inspirado pelos seus sonhos e está na terra para trabalhar pela realização dos seus sonhos. Nunca houve qualquer discussão sobre a unidade entre trabalho e sonhos. A sua casa de negócios sempre se abria às sete horas da manhã e nunca se fechava antes da meia-noite. Era um horário que observávamos e que eu observo até hoje. Ele me disse uma vez: “Fique o mais que puder fora da cama. Noventa por cento das pessoas morrem na cama.”

Escola na Farmácia. Quando eu tinha uns oito anos, meu pai achou que era tempo de eu ir lavar louça e preparar refrescos na sorveteria da farmácia. Eu ainda era muito pequeno para alcançar o balcão e abrir as torneiras, de modo que ele fez uma rampa de madeira atrás do balcão e ali eu trabalhava e ouvia.

Ouvi coisas na sorveteria que deram forma à minha vida e à minha atitude em relação a pessoas e coisas. À noite, papai sentava-se ali com o advogado local, os dois banqueiros da cidade e o agente do correio. Embora eu tenha assistido a alguns dos

grandes debates parlamentares da nossa época, não creio ter ouvido melhores discussões do que as daqueles tempos. Exercia-se ali a verdadeira arte da conversação—ter o que dizer, mas extrair o que os outros pensam; ter apaixonado interesse pelas questões, mas respeitar aqueles que pensam diferente.

Ao mesmo tempo, papai era obstinado a respeito da sua escrita e do seu balanço. Perdemos muitas festas na véspera de Ano Novo porque ainda estávamos fazendo o levantamento do nosso estoque de medicamentos, relógios, produtos de beleza e material veterinário e calculando o valor atual de cada artigo. Êle acreditava que um homem de negócio deve ter tudo escriturado e saber a qualquer momento qual é a sua situação—mas nunca julgou que era êsse o principal objetivo de sua vida.

Aplicava a tudo essa espécie de lúcido idealismo. Quando eu estava empenhado na minha primeira campanha eleitoral para a prefeitura de Mineápolis—uma luta áspera e suja que envolveu *gangsters* e calúnias—recebi uma carta de meu pai. Dizia êle que era o dever de um líder político “lutar pelos princípios, por um mundo melhor, por melhores condições de vida. Deixem que lhe chamem tudo o que quiserem, não tenha medo e faça chegar a sua mensagem ao homem comum”.

Meu pai acreditava apaixonada-

mente na democracia, na livre empresa e na justiça social. Não se envergonhava de sentir emoções profundas e abertamente, tinha interesse pelas idéias, mas relacionava-as com o seu amor aos seres humanos; era um homem para quem o trabalho árduo era uma maneira de viver, não por si mesmo, mas porque fazia parte da ação e da paixão de sua época.

Na nossa cidade, pais e filhos conheciam-se bem e estavam constantemente juntos. Não havia mundos divididos de lar e de trabalho, de crianças e de adultos, cada lado forçado a viver separado do outro. Para nós, crianças, era natural aprendermos as lições da vida da maneira mais prática—por observação e participação.

Eu vivia constantemente ao lado de meu pai, observando-o, escutando-o, discutindo com êle. Foi a melhor herança que êle me poderia ter deixado. Minha vida, depois que êle morreu, tem sido feliz, pessoal e politicamente. As minhas venturas têm sido maiores do que qualquer homem deveria esperar. Tenho tomado lugar nos conselhos dos grandes e desempenhado um papel no drama da nossa época. Mas tôdas essas coisas têm tido mais sentido e finalidade porque tive a inestimável boa sorte de passar a infância ao lado de um homem sábio e sensível para quem o idealismo não era um credo frio, mas um modo de vida.

